Volta por cima

Com igualdade de preços de matéria-prima, a indústria do solúvel poderá conquistar maiores espaços nos mercados internacionais

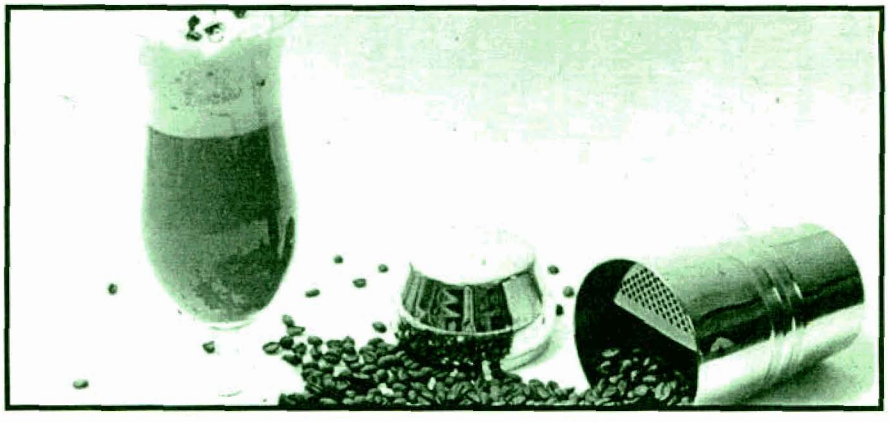
SÉRGIO COIMBRA

Só no início da década de 60 começaram a ser construídas as fábricas brasileiras de café solúvel voltadas para a exportação, pois a indústria existente só atendia ao mercado interno.

As enormes safras cafeeiras de então, a existência de grande quantidade de *grinders*, isto é, cafés quebrados mas de boa bebida, os estoques governamentais que chegavam a mais de 60 milhões de sacas, tudo favorecia o importante papel da indústria de café solúvel, não só na economia cafeeira como na geração de divisas para o país.

Assim se chega ao mercado...

O mérito dessa indústria não se limitou a agregar valor à matéria-prima e apropriar-se desse excedente de renda, além de incrementar a receita cambial. Ela introduziu uma nova imagem da economia brasileira no exterior. O fato de a indústria exportar o produto já embalado, pronto para ser consumido, com marca própria, implicava propagar a idéia de que o país, além de exportador de produtos primários, é capaz de desenvolver projetos que envolvem o uso de moderna tecnologia e *design* aprimorado. Se o país pode fazer isso com o café, é capaz de fazer muito mais – esta é a mensagem implícita na exportação de uma pequena lata de café solúvel com marca brasileira. E já existem 22 marcas de café solúvel brasileiro sendo comercializadas na Rússia e demais países da extinta União Soviética.



Exportações brasileiras de café solúvel

Todos os destinos – comparação entre os períodos de nov. 1997 a set. 1998 e nov. 1996 a set. 199

Meses	*Quilos*	*Meses*	*Quilos*	*Var. %*
Nov.1996	5.027.362	Nov.1997	3.119.093	-38,0%
Dez.1996	5.406.767	Dez.1997	5.610.979	3,8%
Jan.1997	4.260.308	Jan.1998	3.216.285	-24,5%
Fev.1997	3.793.872	Fev.1998	3.135.953	-17,3%
Mar.1997	4.358.414	Mar.1998	3.138.961	-28,0%
Abr.1997	3.300.705	Abr.1998	2.685.485	-18,6%
Maio 1997	3.319.649	Maio 1998	3.429.531	3,3%
Jun.1997	3.895.605	Jun.1998	3.392.264	-12,9%
Jul.1997	5.898.718	Jul.1998	4.429.796	-24,9%
Ago.1997	5.538.793	Ago.1998	3.363.947	-39,3%
Set.1997	5.446.778	Set.1998	2.852.867	-47,6%

Fonte: Abics – Associação Brasileira das Indústrias de Café Solúvel.

Exportação de café solúvel

Em quilos e correspondente em dólar e em sacas de 60kg de café verde

Anos	*Quilos solúvel*	*Sacas de café verde*	*US$*
1993	62.406.793	2.704.051	215.288.023
1994	62.158.762	2.693.304	346.374.218
1995	60.355.218	2.615.157	477.664.208
1996	58.051.803	2.515.352	400.977.437
1997	54.176.955	2.347.457	370.881.822
Total	297.149.531	12.875.321	1.811.185.708

Fonte: Abics – Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel.

Japão: exportações brasileiras de café solúvel

Comparação entre os períodos de nov. 1997 a set. 1998 e nov. 1996 a set de 1997

Meses	*Quilos*	*Meses*	*Quilos*	*Var. %*
Nov.1996	517.086	Nov.1997	445.295	-13,9%
Dez.1996	567.965	Dez.1997	556.779	-2,0%
Jan.1997	526.461	Jan.1998	286.324	-45,6%
Fev.1997	606.688	Fev.1998	428.747	-29,3%
Mar.1997	351.452	Mar.1998	292.491	-16,8%
Abr.1997	519.748	Abr.1998	254.133	-51,1%
Maio 1997	339.590	Maio 1998	384.848	13,3%
Jun.1997	419.719	Jun.1998	409.742	-2,4%
Jul.1997	360.068	Jul.1998	427.627	18,8%
Ago.1997	437.655	Ago.1998	454.195	3,8%
Set.1997	485.937	Set.1998	472.827	-2,7%
Total	4.208.777		3.485.986	-17,2%

Fonte: Abics – Associação Brasileira das Indústrias de Café Solúvel.

Rússia: exportações brasileiras de café solúvel

Comparação entre os períodos de nov. 1997 a set. 1998 e nov. 1996 a set. 1997

Meses	*Quilos*	*Meses*	*Quilos*	*Var. %*
Nov.1996	2.047.185	Nov.1997	845.381	-58,7%
Dez.1996	1.780.834	Dez.1997	1.435.110	-19,4%
Jan.1997	1.384.412	Jan.1998	779.295	-43,7%
Fev.1997	999.449	Fev.1998	872.682	-12,7%
Mar.1997	1.435.054	Mar.1998	460.659	-67,9%
Abr.1997	674.890	Abr.1998	574.462	-14,9%
Maio 1997	685.976	Maio 1998	1.240.835	80,9%
Jun.1997	661.859	Jun.1998	559.109	-15,5%
Jul.1997	2.228.854	Jul.1998	1.553.347	-30,3%
Ago.1997	2.233.267	Ago.1998	880.195	-60,6%
Set.1997	1.728.193	Set.1998	49.332	-97,1%
Total	11.898.513		8.320.880	-30,1%

Fonte: Abics – Associação Brasileira das Indústrias de Café Solúvel.

Ademais, a indústria do café solúvel, além de importante compradora de café verde, é a grande responsável pela abertura de mercados para o café verde no mundo. Isso ocorreu no Japão, atualmente grande consumidor de café torrado e moído. No princípio, porém, foi o café solúvel que alavancou o consumo de café graças ao processo de preparo, semelhante ao do chá. A passagem de um produto para outro não quebra os hábitos do consumidor, que continua a usar água quente por cima do pó de solúvel, como sempre fez com o chá. Isso aconteceu também na Inglaterra e na Austrália, onde muitos consumidores substituíram o chá pelo café solúvel. Desse modo se abriu o amplo mercado da Rússia e dos demais países da extinta União Soviética; esse é o caminho para conquistar o gigantesco mercado da China.

Não há dúvida de que a saída para os países produtores de café verde está em abrir novos mercados e elevar o consumo nos já abertos, a exemplo da Rússia, que ainda oferece margem de expansão. O café solúvel é o veículo imprescindível para alcançar esses objetivos.

A indústria de café solúvel do Brasil e do exterior utiliza como matéria-prima o café arábica e majoritariamente o café robusta, representado aqui pelo nosso *conillon*, que oferece a vantagem de maior rendimento no processo industrial, produzindo 15% a mais de sólidos solúveis do que o café arábica.

O mérito dessa indústria não se limitou a agregar valor à matéria-prima e apropriar-se desse excedente de renda, além de incrementar a receita cambial. Ela introduziu uma nova imagem da economia brasileira no exterior, exportando o produto já embalado, com marca própria.

A indústria brasileira de café solúvel é um grande comprador de café verde, contribuindo muito para o escoamento e comercialização das safras. Para dar uma idéia da grandeza dos números, só nos últimos cinco anos, de 1993 a 1997, foram adquiridos da lavoura e exportados sob forma de café solúvel 12.875.321 sacas de café cru em grão, correspondendo a uma receita cambial de mais de US$1,8 bilhão.

...E assim se perdem posições

Em face da pequena produção de café *conillon*, desde 1996 as indústrias multinacionais de café solúvel localizadas no Ocidente, em países que não produzem café verde – como os Estados Unidos e os da Europa –, têm sido beneficiadas com a compra de matéria-prima mais barata que a adquirida pelas empresas brasileiras. O café robusta da Indonésia, do Vietnã e dos países da África foi comercializado nesses anos a preços inferiores ao nosso *conillon*. A partir da safra colhida em 1998, a correlação de preços por enquanto está normalizada.

A crise asiática agravada a partir de outubro/novembro de 1997 e a *débâcle* na Rússia este ano prejudicaram enormemente as exportações brasileiras de café solúvel.

De novembro de 1997 a setembro de 1998, nossas exportações de café solúvel reduziram-se em 23,6%, considerando-se todos os mercados. Para o Japão, a queda foi de 17,2%. Para a Rússia, o

Brasil exportou menos 30,1% (tabelas 1, 2 e 3).

É lamentável que o café solúvel brasileiro continue sendo taxado em 9% nos países da União Européia, enquanto o procedente da Colômbia, Equador, América Central e África nada paga. Considerando que não houve sucesso na solução do problema em tentativas persuasórias promovidas pelo Itamarati junto aos países da União Européia, a questão deverá ser submetida, mediante painel, à deliberação da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Somos igualmente punidos pela tributação interna. O café verde destinado à exportação está isento de ICMS. Mas se for vendido para as indústrias de solúvel de outros estados contribui com a alíquota interestadual de 12% de ICMS, valor que demora a ser recuperado e sofre deságio financeiro.

Neste ano nosso desempenho de exportação teria sido ainda pior se o governo federal não tivesse implantado o programa de leilão de café dos estoques governamentais às indústrias de café solúvel.

Não serão fáceis os dias vindouros para a indústria do café solúvel, que enfrentará concorrência cada vez mais forte. Se, no entanto, nossa indústria tiver igualdade de preços de matéria-prima, estará apta a competir e conquistar maiores espaços nos mercados internacionais.

Tecnologicamente, a indústria brasileira de café solúvel está preparada para a competição. Foram realizados pesados investimentos, modernizando processos industriais, racionalizando métodos administrativos, enfim, uma atualização permanente, com ganhos de produtividade, redução de custos e melhoria de qualidade do produto. Em tecnologia nosso setor é tão eficiente quanto qualquer indústria estrangeira do ramo.

Enquanto a crise econômica mundial se desenvolve, três das 11 fábricas de café solúvel existentes no Brasil paralisaram suas atividades. Outras concederam férias coletivas e adotaram o regime legal de banco de horas.

Apesar de tudo, o setor dará a volta por cima e continuará sendo o grande cliente do café verde aqui produzido e um expressivo gerador de divisas para o Brasil.

Sérgio Coimbra é presidente da Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel.

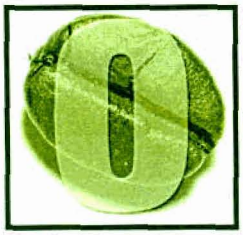


PERSPECTIVAS

Pausa para reavaliação

Cabe uma meditação profunda sobre como aprimorar o CDPC e dotá-lo de melhor operacionalidade

MANOEL VICENTE F. BERTONE



O Conselho Deliberativo da Política do Café teve atuação bastante intensa em seu período inicial de existência. As decisões ali tomadas foram muito importantes para o andamento dos negócios em termos gerais, e com isso a nação ganhou.

Novos empregos foram gerados no campo, pois a produção cresceu, importantes direcionamentos de política foram determinados e a receita cambial foi preservada, estabelecendo-se um ordenamento adequado do fluxo da safra.

Atuamos internacionalmente de modo mais coordenado e passamos a pensar políticas de médio e longo prazos, como aconteceu na retomada dos investimentos na pesquisa agronômica e no desenvolvimento de mercados.

As políticas de financiamento aos diversos setores foi satisfatória, e a produção teve seus débitos prorrogados, postergando-se portanto a solução dos problemas de capitalização do setor produtivo.

Tudo parece ter andado bem, mas é inegável que temos que aprimorar nosso sistema de decisões. Pensar sobre suas limitações, examinar os problemas ocorridos com isenção, verificar a efetividade de seu poder de decisão em função dos novos tempos da economia nacional e diante das perspectivas do mercado são exigências indiscutíveis.

Em muitas de suas decisões, o CDPC não passou de um salutar fórum de formulação de intenções de política cafeeira. Os investimentos em *marketing* foram dimensionados, mas sua execução foi precária; os investimentos em pesquisa foram anunciados, mas a liberação das verbas não acompanhou o cronograma esperado.

As decisões sobre financiamentos,